

ISSN 2238-9113

ÁREA TEMÁTICA:

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

DISCUTINDO SEXUALIDADE COM ESTUDANTES DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Daniele Regina Penteado (drpg75@gmail.com)

RESUMO – Apresentamos um Relato de Experiência oriundo de uma intervenção pedagógica realizada com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Ponta Grossa. Esse trabalho faz parte do Projeto de Intervenção Pedagógica do Curso de Extensão - Espaço Escolar e Diversidade Sexual: esse é um tema da Educação. O objetivo principal desta proposta consistiu em discutir com os estudantes as diferentes orientações sexuais e assim descobrir se havia preconceito por parte destes alunos. A Fundamentação Teórica está embasada em Paraná (2009). Neste texto trazemos os passos percorridos com os estudantes, as suas impressões sobre o assunto tratado e também as considerações da autora sobre a realização deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE – Sexualidade. Preconceito. Orientação Sexual.

Introdução

O interesse pelo tema Sexualidade surgiu da participação no Curso de Extensão - Espaço Escolar e Diversidade Sexual: esse é um tema da Educação, oferecido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa durante o ano de 2015, o referido curso visou a capacitação de profissionais da educação para a criação de práticas pedagógicas de orientação ao respeito à diversidade sexual nas escolas.

Durante o curso foi realizada uma discussão sobre as demandas sociais de direitos humanos e das políticas educacionais no trato da diversidade sexual no espaço escolar. Também ocorreram reflexões sobre as práticas cotidianas vivenciadas na escola no que diz respeito às atitudes discriminatórias por motivo de orientação afetivo-sexual e de identidades de gênero.

Na sequência, como requisito de conclusão do curso foi solicitado a execução de um Projeto de Intervenção Pedagógica embasado nos textos estudados e que contemplasse o local de trabalho do participante.

Desse modo, foi proposta uma intervenção com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual localizada no município de Ponta Grossa – PR. Essa intervenção consistiu em passar o filme “Minha vida em cor-de-rosa” para 3 turmas de sétimo ano, com idade entre 12 e 14 anos. A partir do assunto tratado no filme discutir algumas questões com os estudantes e depois solicitar a opinião deles por escrito.

O filme tratava de um menino de 7 anos de idade que se reconhecia como menina e a partir deste reconhecimento ele e toda a sua família sofriam com o preconceito da comunidade onde estavam inseridos. Durante a exibição do filme, os estudantes se manifestaram livremente, tanto a favor como contra o tema abordado.

Após assistirem ao filme, os alunos relataram os pontos principais da história e também expuseram a opinião pessoal a respeito do tema abordado. O texto escrito pelos alunos era individual, com aproximadamente 25 linhas. Alguns alunos escreveram mais linhas que o solicitado, pois o assunto foi visivelmente significativo para muitos.

Objetivos

Entendendo que os adolescentes, geralmente, não têm um adulto em casa com quem possam conversar sobre suas dúvidas e que muitas vezes acatam a opinião repassada pela mídia televisiva, resultando em ações homofóbicas e distorcidas da realidade, acreditamos na importância deste tema com os seguintes objetivos:

Objetivo Geral

- Discutir com os estudantes as diferentes orientações sexuais.

Objetivos Específicos

- Descobrir se há preconceito entre os estudantes referente às diferentes orientações sexuais;
- Relacionar o filme “Minha vida em cor de Rosa” com vivências do cotidiano dos estudantes.

Referencial teórico-metodológico

Quando estamos inseridos no meio escolar e convivendo com estudantes que estão entrando na adolescência, percebemos com evidência a importância de se discutir orientação sexual nas salas de aula da Educação Básica como algo primordial, pois percebemos que

[...] tanto na educação familiar quanto na educação escolar os valores associados à feminilidade e à masculinidade continuam a ser reproduzidos como se homens e mulheres pertencessem a mundos separados, porém complementares, cabendo às mulheres se preparar para serem merecedoras da atenção, dos cuidados e do amor dos homens. (PARANÁ, 2009, p. 93)

Deste modo, esta discussão é imprescindível, visto que os estudantes trazem muitas crenças repassadas pela família, pela mídia e também pela própria comunidade escolar. Percebemos que o pouco que é feito nas escolas ainda está relacionado a visão higienista marcada por falas prioritariamente masculinas de tempos passados, mas que continuam enraizadas na sociedade atual.

Diante das transformações da sociedade contemporânea e da marcante presença de opiniões e demarcação de direitos, concordamos com Paraná quando afirma que

[...] no campo das sexualidades, agora não se ouviria mais – apenas – as vozes tradicionalmente autorizadas da Ciência e da Religião, ou dos homens brancos heterossexuais de classe média dizendo o que deve ou não ser feito, como deve ser feito, por quem ou quando. Agora, também mulheres, gays e lésbicas passam a falar de suas experiências e práticas amorosas e sexuais; passam a falar, também, de suas experiências e práticas de trabalho, de seus projetos, de seus sonhos e ambições. Esse movimento de afirmação e de orgulho da condição de gênero e sexual mostra-se vigoroso e parece ser um processo que continua e se amplia cada vez mais. Tudo isso faz com que as verdades sobre a sexualidade e sobre os gêneros – assim como sobre outros temas – se multipliquem e se diversifiquem. Tudo isso faz com que, contemporaneamente, as certezas deixem de ser únicas, estáveis, seguras, infalíveis. Complicado? Pode ser que muitos achem que sim. Mas essas múltiplas vozes sugerem, também, múltiplas formas de ver e de viver a vida. Por mais desafiador que nos parece, é com essa complexidade e diversidade cultural que nós, educadoras e educadores, temos de lidar. (PARANÁ, 2009, p. 31-32)

Falar de gênero, orientação sexual, homofobia, sexismo e temas afins torna-se emergente mesmo sabendo de antemão que nem todos os membros da comunidade escolar concordam com essa abordagem. Porém, há necessidade de quebrar esta barreira e estabelecer conexão entre a escola e a sociedade atual.

Resultados

Após a entrega dos textos elaborados pelos alunos, a autora organizou a parte que se referia a opinião deles sobre o filme assistido e a temática diversidade sexual para ter uma visão mais ampla do resultado imediato desta intervenção sobre os estudantes.

Seguem os fragmentos mais significativos dos textos de alguns estudantes, os quais foram identificados como A1, A2, A3,...etc (Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3).

- A1: Eu respeito e não tenho preconceito, mas se fosse meu filho eu ficaria meio chateado já que você cria um filho para ter descendentes e nenhum pai gostaria que o filho fosse homossexual, mas não dá para fazer nada quanto a isso.
- A2: Eu não gostei do filme.
- A3: Eu achei meio comovente. Eu achei que os pais tinham preconceito pelo menino achar que era uma menina e por ele gostar de outro menino.
- A4: Minha opinião é que as pessoas não devem ter preconceito se a pessoa é gay ou não. O filme é bom.
- A5: Eu gostei porque não precisa ter preconceito.
- A6: Ninguém é melhor do que ninguém. Ser homossexual, transsexual, lésbica, heterossexual não é uma doença, nem uma coisa de outro mundo. Se não gosta tudo bem, mas respeite.
- A7: Devemos aceitar os outros como eles são e não como a gente quer que as pessoas sejam.
- A8: Eu acho que cada um tem seus direitos e deve escolher o que quiser ser. Não importa o que os outros pensam, o que importa é que você seja feliz do jeito que se sente bem.
- A9: Cada um deve respeitar o gosto e o modo de ser das pessoas.
- A10: Sinceramente não gostei muito do filme, mas o assunto tratado é de extrema importância.
- A11: Em minha opinião devemos aceitar as pessoas como elas são, as escolhas e gostos das pessoas não se discutem.
- A12: Todos tem direito de ser feliz. Vivemos em uma sociedade que tudo é motivo de discórdia e ódio. Tenho ídolos que defendem que as pessoas não são ruins porque não vivem no padrão da sociedade e da mídia. Se você julga reveja o que está julgando, pois as vezes a pessoa pode ser maravilhosa.
- A13: A opinião é que o personagem é um transgênero, o que significa que ele tinha corpo de menino mas pensava como uma menina.

- A14: É um filme engraçado e traz uma mensagem de convivência com as diferenças.
- A15: Olha, se meu filho fosse gay o problema seria dele, talvez eu até pense em levá-lo para um orfanato, pois não é uma coisa fácil de se respeitar. Eu não ligo pra quem é gay.
- A16: Eu acho que cada um tem que ser o que é, o que Deus mandou para seus pais. Menino tem que ser menino e menina tem que ser menina.
- A17: Eu achei o filme bom, pois retrata muito bem o que está acontecendo no nosso mundo.
- A18: Não deveria ter esse preconceito, pois machuca muito.
- A20: Não recomendado para crianças caso elas queiram fazer o mesmo.
- A21: A minha opinião é que: Como que duas pessoas do mesmo sexo vão gerar um filho?
- A22: Na minha opinião isso está errado. Pois devemos ter orgulho de quem somos e olha que eu não tenho preconceito.
- A23: Eu acho que esse filme é má influência, pois incentiva a homossexualidade.
- A24: Eu não gostei muito desse filme, pois não gostei das atitudes do menino ao tentar ser menina.
- A25: Cada um é o que é e ninguém deve julgar, porque ninguém sabe o que aconteceu.
- A26: Devemos ser o que queremos ser, homem ou mulher.
- A27: Acho que se o menino quer ser menina, pelo menos os pais podiam apoiar ele. Se ele achou um amigo igual a ele que deixassem ele interagir.
- A28: Cada um de nós, mesmo com costumes diferentes, é um ser humano.
- A29: Não podemos julgar ninguém pelo que nós somos, pois ninguém é perfeito.
- A30: Eu não curti a ideia do menino querer ser menina, porque vai contra a minha religião.
- A31: Eu sei que é só um filme, mas não gostei da história do menino.

Conforme os trechos destacados acima, podemos perceber que as opiniões dos estudantes são bastante divergentes mas que os dogmas religiosos influenciam o modo de alguns.

Também ficou evidente que a discussão é pertinente e que as famílias não estão dando conta de conversar com seus filhos sobre as questões de gênero e sexualidade, o que pode ser inicialmente problematizado na escola.

Considerações Finais

O desenvolvimento desta atividade foi gratificante e enriquecedora para a prática docente, pois ficou evidente a necessidade de discutir sobre sexualidade com os adolescentes.

Há interesse em continuar a discussão sobre a temática no ano letivo de 2016 com um número maior de alunos e também envolvendo mais professores para que este assunto se torne comum nas aulas das diferentes disciplinas.

Vale destacar que a autora deste texto é professora de Matemática, mas que a partir de conversas informais com os professores de diferentes áreas do conhecimento, passou a refletir sobre a importância de se trabalhar a respeito da sexualidade e das diferentes orientações sexuais entre os adolescentes, o que justifica esta intervenção pedagógica.

Referências

PARANÁ. **Sexualidade**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba : SEED – Pr., 2009. - 216 p.